

Ação da PF desarticula plano do PCC para libertar Marcola e atacar Moro

— Operação prende criminosos que arquitetavam atentados a autoridades, incluindo o promotor que investiga facção; objetivo era resgatar líder do grupo e foram gastos R\$ 5 mi

MARCELO GODOY
PEPITA ORTIZA
RAYSSA MOTTA
FAUSTO MACEDO

A Polícia Federal deflagrou ontem a Operação Sequaz e prendeu nove integrantes do Primeiro Comando da Capital (PCC) que planejavam assassinar e sequestrar autoridades em São Paulo, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Paraná e Distrito Federal. O senador Sérgio Moro (União Brasil-PR), ex-ministro da Justiça no governo Jair Bolsonaro (PL), era um dos alvos da facção. Os criminosos se referiam ao ex-juiz pelo codinome "Tôquio".

Os atentados a autoridades tinham também como alvo o promotor Lincoln Gakiya — que investiga o grupo criminoso há cerca de 20 anos —, além de agentes penitenciários e policiais de Mato Grosso e de Rondônia. A facção estabeleceu como Plano A — o objetivo principal dos bandidos — o resgate de Marco Willians Herbas Camacho, o Marcola, líder do grupo. Os investigadores calcularam que o PCC gastou aproximadamente R\$ 5 milhões apenas na articulação para tentar libertar Marcola, que está preso desde julho de 1999.

A ordem para a operação da PF partiu da juíza Gabriela Hardt, que foi substituída de Moro na 13ª Vara Federal Criminal de Curitiba na Operação Lava Jato. Em pronunciamento na tribuna do Senado, Moro disse que a classe política e os órgãos de investigação não podem "retroceder" ou "se render" a ameaças e devem adotar "políticas rigorosas" de combate às facções.

"Se eles vêm para cima da gente com uma faca, a gente tem que usar um revólver. Se eles usam um revólver, nós temos que ter uma metralhadora. Se eles têm uma metralhadora, nós temos que ter um tanque ou um carro de combate. Não no sentido literal, mas nós precisamos reagir às ações do crime organizado", afirmou.

Moro soube em janeiro que era um dos alvos do PCC. Isso aconteceu quando Gakiya e o procurador-geral de Justiça de São Paulo, Mário Luiz Sarubbio, levaram a Brasília informações de uma testemunha protegida ouvida pelo Grupo de Atua-



Senador Sérgio Moro (União Brasil-PR) faz pronunciamento na tribuna da Casa sobre operação da PF



Agentes encontraram dinheiro e documentos durante operação

Para entender

- **Operação**
A Operação Sequaz foi deflagrada pela Polícia Federal ontem para desmantelar um plano que mirava o ex-juiz e agora senador Sérgio Moro (União Brasil-PR). A ofensiva ocorreu cerca de 45 dias após o início das investigações
- **Investigações**
A PF foi acionada pelo Ministério Público de São Paulo, que identificou risco à segurança de Moro e também do promotor de Justiça Lincoln

Gakiya. Mais de cem agentes foram às ruas cumprir 11 mandados de prisão em Mato Grosso do Sul, Rondônia, São Paulo e Paraná. O efetivo vasculhou 24 endereços

● **Histórico**
Então ministro da Justiça e Segurança Pública, Moro coordenou a transferência e o isolamento de lideranças do PCC para presídios federais, entre eles Marcola. Já Lincoln Gakiya integra o Grupo de Atuação Especial de Repressão ao Crime Organizado (Gaeco) e é responsável por investigações sobre a facção

ção Especial e Repressão ao Crime Organizado (Gaeco): o senador, sua mulher, a deputada Rosângela Moro (União Brasil-SP), e os dois filhos do casal estavam sendo seguidos pela "Sintonia Restrita", o setor de operações especiais do PCC.

● **Monitoramento.** Os criminosos comandados por Jander Azevedo, conhecido como Nefo ou NF, receberam há seis meses a ordem para monitorar o alvo. Alugaram chácaras na região de Curitiba. Segundo o ministro da Justiça, Flávio Dino, em uma das chácaras "havia compartimentos sendo preparados em casas; compartimentos falsos, paredes falsas, e eles poderiam ser desde para armazenar armamento, droga, como para guardar pessoas".

Nefo também alugou uma casa perto da residência dos Moros e uma sala comercial ao lado do escritório político do senador, em Curitiba. Os integrantes do PCC fotografaram o cotidiano do casal e dos filhos. Escola, academia, compras e reuniões: tudo foi acompanhado pelos criminosos.

O grupo tinha entre seus integrantes ainda Reginaldo Oliveira de Sousa, o Rê, da "Sintonia Final dos 14" — grupo responsável pelas ordens dirigidas aos membros do PCC que estão em liberdade. Eles teriam providenciado carros blindados para a ação. Investigadores desconfiam de que toda a vigilância sobre a família Moro tinha como provável objetivo o sequestro do senador, da deputada e dos filhos, que seriam

mantidos reféns em uma das chácaras, para obrigar o Estado a negociar a libertação de Marcola. Não descartam, entretanto, a possibilidade de que a facção planejasse matar Moro.

● **HONRA.** "O resgate de Marcola é questão de honra para o PCC. Dinheiro tem de sobra", disse Gakiya ao **Estadão**. O ataque às autoridades era o chamado Plano B da facção. Ele estava pronto para ser executado quando o promotor e Sarubbio chegaram a Brasília. Além de informar a cúpula da PF sobre o caso, os dois avisaram a Polícia Legislativa. Foi quando Moro e sua mulher souberam que eram o alvo e passaram a ser escoltados.

"Acreditamos que ele (Moro) só não foi posto em prática

porque faltou a ordem do Marcola", afirmou o promotor. Após o alerta de Gakiya, a PF começou a monitorar telefones e obteve quebras de sigilo para localizar os envolvidos. Antes, há dois meses, um dos principais implicados na ação foi detido em São Paulo pelas Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (Rota). Era Václav Nemeš, o Guinho, outra liderança da Sintonia Restrita.

Gakiya explicou o que é a tal sintonia: "Eles são responsáveis apenas por assassinatos e resgates. Não se envolvem em outras atividades, exceto o tráfico de drogas". Nefo e Rê foram presos ontem pela PF. O primeiro estava na região de Campinas, no interior, e o segundo, na Baixada Santista. Em nome de laranjas e familiares, Nefo teria um patrimônio que incluía lancha, carros importados e imóveis. "Coisa de milhões."

Há mais de um ano, a inteligência do Departamento Penitenciário Federal e a PF acompanhavam as movimentações de Marcola e de outros presos da facção na penitenciária federal de Brasília. O resgate envolvia o treinamento de mercenários na Bolívia e a ação de integrantes do "novo cangaceiro".

Em razão da descoberta do plano, Marcola foi transferido em março de 2022 para o presídio federal de Rondônia, onde a organização criminosa traçou um novo planejamento para a fuga de seu líder. Ao mesmo tempo, resolveu cobrar seus integrantes pelo fracasso da operação. Marcos Roberto de Almeida, o Tuta, que tinha recebido a missão de libertar o chefe, foi sequestrado na Bolívia, em maio de 2022, e levado a um tribunal do crime. Desde então, está desaparecido.

A responsabilidade para soltar Marcola passara, então, para Guinho e, depois, para Nefo. Marcola ficou em Rondônia até janeiro deste ano, quando foi levado de volta a Brasília, após a conclusão da construção de uma muralha no presídio. Foi só então que a facção teria começado a discutir a execução do Plano B. Mas era tarde. A ideia de apanhar Moro já havia chegado ao Ministério Público.

Ontem, 120 agentes foram às ruas e vasculharam 24 endereços ligados aos investigados. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Política Caderno: A Pagina: 6